

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - nº 04 - 2 a 7 de maio de 2017



UFRRJ

Poder econômico

Professor de História da UFRRJ analisa influência das empresas sobre o Estado **P.3**

Novos gestores

Conheça os principais integrantes da Administração Central **P.4**

Parceria UFRRJ-Duke University

Rural assina termo de cooperação com instituição norte-americana. **P.5**



Editorial

Ciência, cooperação e desenvolvimento

No sábado, 22 de abril, mais de 400 cidades de todos os continentes participaram da Marcha pela Ciência, em defesa da ideia de que a ciência é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico e a promoção do bem comum. No Rio de Janeiro a atividade ocorreu no Museu Nacional, contando com a participação de representantes da UFRRJ.

No Brasil de hoje, essas manifestações são de suma importância, diante dos cortes orçamentários profundos e da própria extinção de órgãos como o ministério e a secretaria estadual da Ciência, Tecnologia e Inovação. A revista *Nature*, uma das mais importantes publicações especializadas do mundo, alertou para o fato de que essas medidas ameaçam o futuro da pesquisa no país, após uma década marcada por avanços significativos.

Para fortalecer a luta pelos investimentos em ciência e tecnologia e pela preservação do sistema público de regulação e fomento, as instituições acadêmicas precisam estreitar seus laços com outros atores sociais, e buscar caminhos criativos para ampliar o impacto e a visibilidade da sua atuação.

A cooperação institucional entre a UFRRJ e a Duke University, relatada nesta edição do **Rural Semanal**, é um bom exemplo. A parceria integra atividades de pesquisa e extensão, com a participação de docentes, técnicos e discentes de graduação e pós-graduação.

O ponto de partida é um projeto de pesquisa interdisciplinar sobre o impacto social da expansão do acesso à universidade pública no contexto da Baixada Fluminense. O intercâmbio acadêmico entre as duas instituições, contudo, abriu perspectivas de cooperação em campos tão diversos quanto a gestão acadêmica, o desenvolvimento de tecnologias para educação inclusiva, a introdução de princípios de ciência da computação no ensino fundamental, a pesquisa em história e cultura afro-americana e afro-brasileira, a história da América Latina, etc.

É um exemplo de internacionalização integrada ao planejamento acadêmico, expandindo oportunidades e horizontes para os diversos segmentos da comunidade, com reflexos na formação dos participantes, assim como na qualidade das suas monografias, dissertações, teses e publicações.

A Rural possui diversas outras experiências como esta e nossa meta é expandi-las, integrando nossos grupos de pesquisa com os de sólidas instituições internacionais. Para tanto, a Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin) e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) trabalharão de forma cada vez mais articulada.

Projetos desta natureza produzem conhecimentos e instrumentos fundamentais para a continuidade da luta em defesa da universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. ■

Opinião

Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver

Cristiano Junta

Vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos

Em outubro de 2013, eu e os queridos amigos Gabriela Blanco e Glauco Araújo – na época pós-graduandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – realizamos uma pesquisa pela Associação de Pós-Graduandos da UFRGS (da qual éramos os três diretores) sobre as condições socioeconômicas dos estudantes de pós-graduação desta universidade.

Nosso objetivo era levantar dados que nos permitisse comprovar para a Reitoria da UFRGS que os pós-graduandos tem sim demanda por assistência estudantil. Na época a UFRGS se negava a conceder vagas na moradia estudantil da universidade para pós-graduandos.

Como não havia qualquer dado sobre isso decidimos nós mesmos (pela APG-UFRGS) conduzir uma pesquisa. Utilizamos como base para o questionário socioeconômico uma pesquisa realizada pelo Departamento de Sociologia da própria universidade com os estudantes há uns 10 anos antes. Entretanto, por essa época eu tinha lido uma pesquisa inglesa “Under a cloud: Depression is rife among graduate students and postdocs”, publicada na Revista *Nature* em outubro de 2012 (<http://www.nature.com/naturejobs/science/articles/10.1038/nj7419-299a>) que afirmava que os índices de depressão entre pós-graduandos na Inglaterra eram altíssimos. [...]

A pesquisa foi conduzida simultaneamente entre estudantes do Lato Sensu (cursos de especialização) e Stricto Sensu (mestrado e doutorado) da universidade. Os números apontam claramente a deterioração das condições de vida dos estudantes do mestrado e doutorado. Em todas as alternativas mestrandos e doutorandos apresentaram uma frequência maior de problemas. Os mestrandos e doutorandos da UFRGS em 2013 estavam aproximadamente três vezes menos sociáveis, duas vezes mais irritados, uma vez e meia com mais problemas de apetite e menos motivados, e quase 1 vez mais com problemas para dormir do que os estudantes dos cursos Lato Sensu, de acordo com as respostas.

Coincidência? Uma particularidade da UFRGS? A comparação com outros estudos conduzidos no Brasil indica que não. Pesquisa publicada em 2009, na *Psicologia em Revista* mostra dados em que 58,6% dos estudantes de pós-graduação da UFRJ (que foram entrevistados) estavam com algum nível de estresse. [...]

Infelizmente os dirigentes acadêmicos (não todos, mas em grande proporção) continuam insensíveis para o problema. Por quê? Em primeiro lugar, há uma certa cultura na academia do “no pain, no gain”. O “sacrifício” da vida pessoal é exaltado como meio para alcançar a excelência acadêmica. Isto se combina com um ambiente que incentiva uma competição sem limites, ora por prestígio, ora pelos próprios recursos financeiros – cada vez mais minguados nos últimos dois anos – para se realizar as pesquisas acadêmicas. Parte do problema, eu avalio, se deve à combinação em larga medida do modo como é organizado o sistema de avaliação acadêmica da pós-graduação e a essa ideologia do “sacrifício individual”.

Nesse quesito ocupa um lugar proeminente a própria política de avaliação dos Programas de Pós-Graduação da Capes. Ela incentiva um ritmo de produção acadêmica desmesurada. Os programas são avaliados levando-se em conta fatores como número de publicações e tempo de titulação dos discentes. [...]

Não sabemos a extensão completa desse problema. Não há qualquer pesquisa em âmbito nacional sobre o perfil socioeconômico dos pós-graduandos e suas condições de vida. A ANPG logo percebeu essa deficiência e abriu negociações com a Capes no ano passado para conduzir a primeira pesquisa desse tipo em âmbito nacional na história da pós-graduação do país. Instalou-se um grupo de trabalho com representantes da Capes, da ANPG e do Fórum de Pró-Reitores de Pós-Graduação.

Tínhamos a perspectiva de poder convencer a Capes e o próprio MEC a adotar políticas para combater a deterioração das condições de vida dos pós-graduandos, baseando em dados concretos sobre suas condições de vida e estudo. Uma pesquisa como essa poderia fundamentar empiricamente a necessidade de uma série de medidas como: a regulamentação do direito à licença saúde e maternidade; uma política de reajuste anual das bolsas; a instituição de um programa nacional de apoio aos pós-graduandos e – inclusive – a flexibilização dos prazos estabelecidos pela Capes para titulações. Porém, após o golpe contra o governo Dilma e a ascensão de Michel Temer à presidência e de Mendonça Filho ao Ministério da Educação, o grupo foi paralisado e posteriormente desfeito unilateralmente pelo MEC.

Essa foi, apenas, mais uma das consequências nefastas para os pós-graduandos nesses tempos sombrios que adentramos. ■

Texto publicado na íntegra no site da ANPG em 03/04/2017: <https://goo.gl/pCjhcx>

Este espaço é destinado prioritariamente a colaborações da comunidade universitária. O texto deve ter título e nome completo do autor, com tamanho entre 25 e 30 linhas, fonte Arial 12 e espaçamento 1,5. As opiniões expressas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. O material deve ser enviado para o e-mail comunicacao@ufrj.br. Também serão publicadas, esporadicamente, reproduções e adaptações de artigos de outras fontes.

A escalada do poder econômico sobre a máquina pública

Pedro Henrique Campos, professor do Departamento de História e Relações Internacionais da UFRRJ, autor de 'Estranhas Catedrais. As Empreiteiras Brasileiras e a Ditadura Civil-Militar', se tornou-se fonte diária para o jornalismo nacional e internacional sobre o tema de seu livro. Nesta entrevista, ele avalia as relações de poder entre governos e empresas no Brasil

Alessandra de Carvalho

Como você avalia mudanças que ocorreram nas transações entre as empreiteiras e o governo na época da ditadura e as que estão sendo evidenciadas atualmente?

Pedro H. Campos – As principais empreiteiras brasileiras foram formadas nas décadas de 1930 e 1940. Com as obras do período Kubitschek, na segunda metade da década de 1950, os empresários se organizam em sindicatos patronais reunindo os dirigentes das construtoras. Têm participação na derrubada do governo João Goulart e da democracia em 1964 e são beneficiados pelas políticas criadas durante a ditadura. Medidas como a reserva de mercado para empreiteiras nacionais, isenções fiscais, financiamento facilitado e canalização de boa parte do orçamento para investimentos em obras públicas fizeram essas empresas crescerem bastante no período. Naquele momento, a atuação dos dirigentes das empresas era muito direcionada às agências do poder executivo e aos militares. Para obterem contratos, pagamentos em dia e benefícios, esses empresários buscavam ministros, presidentes de estatais e diretores de autarquias. Com a transição política da década de 1980, as construtoras traçam uma estratégia de se adaptar ao novo momento institucional do país e diversificam suas áreas de atuação, dedicando mais atenção ao legislativo, às eleições – financiando campanhas –, aos partidos políticos e à imprensa. Essa mudança da ação das empresas pretendia manter o poder econômico e político que esses agentes tiveram durante a ditadura com a mudança do regime.

As informações dadas por Emílio Odebrecht em recente depoimento revelou alguma novidade em relação ao que você havia estudado?

P.H.C.– De certa forma, os relatos dele confirmam o que verificamos na pesquisa. Quando ele afirma que esse sistema funciona há trinta anos, a data coincide justamente com o processo de redemocratização. Com a transição política e a retomada das eleições para as diversas instâncias, assim como a volta do multipartidarismo e o fim da censura à imprensa, temos a participação das empresas do setor junto a essas áreas. Com isso, há o financiamento eleitoral, a atuação para formação de emendas parlamentares ao orçamento, a ação junto

aos partidos políticos e a dinâmica parlamentar. Essas informações já circulavam e estavam amplamente difundidas de maneira episódica e em outros “escândalos” envolvendo as empreiteiras com o Estado. No entanto, o fenômeno ganha detalhamento com o reconhecimento por parte dos próprios empresários das práticas ilegais e formas de atuação junto ao Estado nos vídeos divulgados com os depoimentos realizados a partir dos acordos de colaboração. Fica explícita a escalada do poder econômico sobre a coisa pública e o poder desses agentes sobre o processo político do país.

A sua pesquisa ganhou uma repercussão enorme na imprensa. Houve um momento em que toda semana você estava em algum meio de informação falando sobre corrupção, empreiteiras e poder. Como foi o relacionamento do pesquisador com os jornalistas?

P.H.C. – Fico muito inseguro com essas entrevistas, porque há uma intensa edição e muitas vezes o sentido do que eu digo é modificado ou deturpado para adequar ao interesse dos veículos. Tenho me preparado para não cair em armadilhas e manipulações. Já pensei em parar de dar entrevistas ou vetar certas empresas de comunicação. Porém, concluí que é melhor falar, tomando os cuidados possíveis, do que ficar quieto. Na primeira grande entrevista à *Folha de S. Paulo*, fiquei muito preocupado com o resultado final, pois foi feita uma ampla adaptação das minhas falas para a matéria. No mesmo dia, o Reynaldo Azevedo fez duras críticas a mim e, na mesma semana, o Luís Fernando Veríssimo recomendou o meu livro, após ler a mesma entrevista. Foi um alívio, pois agradei quem eu queria satisfazer e desagradei quem eu não desejava mesmo que ficasse satisfeito com o meu estudo.

Com o tema da corrupção sendo pauta diária na mídia, você acredita que os cidadãos estão mais informados sobre os mecanismos como os representantes políticos agem para se manter no poder?

P.H.C.– Pelo contrário. Penso que a forma deturpada, moralista, descontextualizada com que a corrupção tem sido tratada na mídia atrapalha mais do que ajuda a compreensão e a resolução dessa questão. A imprensa usa o assunto como arma política, agindo no sentido de manipular as



Foto: arquivo pessoal

peças em torno do assunto. A imprensa é seletiva nas denúncias de corrupção e a coloca como se fosse apenas um desvio moral por parte de empresários e funcionários públicos, quando se trata de uma estrutura da relação do público com o privado no Brasil e em outros contextos capitalistas. O sociólogo Jessé Souza indica que a maior forma de corrupção praticada no país não é a propina a funcionários públicos, mas a sonegação de impostos. Assim, Globo e outras empresas envolvidas em graves casos de sonegação de impostos não discutem publicamente essa questão.

No livro recém-lançado 'Os Donos do Capital: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro', organizado por você e Rafael Brandão, que famílias são retratadas?

P.H.C.– Há alguns anos, Rafael Brandão e eu tivemos a ideia de produzir uma coletânea de ensaios sobre algumas das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Acessamos especialistas com estudos sobre trajetórias como as do Barão de Mauá, a família Guinle, a Johannpeter-Gerdau, a Simonsen, a Klabin-Lafer, a Marinho, a Sarney, a de Valentim Bouças (representante de empresas estrangeiras, como IBM, no Brasil), algumas famílias de empreiteiros (os Odebrecht, os Camargo e os Andrade, em artigo de minha autoria) e algumas famílias de banqueiros (Villela, Setúbal e Moreira Salles). Infelizmente não conseguimos acesso a pesquisas e estudos de trajetórias emblemáticas, como os Feffer, Ermírio de Moraes, Matarazzo, Mindlin, Villares e outros. Mas conseguimos identificar certas peculiaridades, padrões, tendências e características na formação dessas famílias. A nossa burguesia nasceu da escravidão e é especialmente autoritária, violenta, truculenta, em geral tem associação com o capital estrangeiro, não tem apreço pela democracia e cresceu e se fortaleceu durante a ditadura inaugurada com o golpe de 1964. ■

Leia a versão completa da entrevista em: <https://goo.gl/Wnpxp>

Nova Administração

No dia 11 de abril, a equipe da nova administração Central foi apresentada à comunidade da UFRRJ na cerimônia de posse realizada em Seropédica. Nesta página, o **Rural Semanal** traz especialmente os nomeados pelo reitor Ricardo Berbara para a gestão que ficará à frente da Universidade nos próximos quatro anos.



Ricardo Berbara
Reitor



Luiz Carlos de Oliveira
Vice-reitor

- José Antonio Pimenta Barros**
Chefe de Gabinete
- Duclerio José do Vale**
Auditor Interno
- Evandro Silva Pereira Costa**
Assessor de Produção Vegetal
- José Luis Fernando Luque Alejos**
Coordenador de Relações Internacionais e Interinstitucionais
- Aylton Dias**
Prefeito Universitário
- Adilson Campos Rangel**
Assessor de Assuntos Estudantis
- Lia Maria Teixeira de Oliveira**
Assessora de Desenvolvimento Social da Terra
- Leonardo de Gil Torres**
Assessor de Assuntos Acadêmicos de Graduação
- Renan Canuto**
Diretor da Divisão de Guarda e Vigilância
- Angela Ferreira Pace**
Assessora de Gestão de Pessoas
- Reginaldo Antunes dos Santos**
Assessor de Orçamento e Custo
- Vânia Madeira Nunes Policarpo**
Diretora Geral do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
- Teresinha Maria Sena Pacielo**
Ouvidora e Serviço de Informação ao Cidadão
- Mirian Elisabete Da Pena Neves**
Diretora da Biblioteca Central



Joecildo Rocha
Pró-reitor de Graduação

Waleska Giannini
Pró-reitora Adjunta de Graduação

Marta Maria Figueiredo
Diretora do Departamento de Assuntos Acadêmicos e Registros Gerais



Roberto Carlos Leis
Pró-reitor de Extensão

Gabriela Rizo
Pró-reitora Adjunta de Extensão



Alexandre Fortes
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Lúcia Anjos
Pró-reitora Adjunta de Pesquisa e Pós-graduação



Amparo Cupolillo
Pró-reitora de Assuntos Administrativos

Marcelo Sales
Pró-reitor Adjunto de Assuntos Administrativos

Iguaciara do Nascimento Santos
Diretora do Departamento de Pessoal

Rafael Henrique Almeida da Costa
Coordenador da Divisão de Saúde



Norma Sueli Martins
Pró-reitora de Assuntos Financeiros

Paulo Chaves
Pró-reitor Adjunto de Assuntos Financeiros

Edmilson Rangel do Nascimento
Diretor do Departamento de Contabilidade e Finanças



Cesar Da Ros
Pró-reitor de Assuntos Estudantis

Juliana Arruda
Pró-reitora Adjunta de Assuntos Estudantis

Matildes das Dores de Oliveira Carneiro
Coordenadora do Restaurante Universitário



Roberto Rodrigues
Pró-reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional

Fábio Cardozo
Pró-reitor Adjunto de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional e coord. de Tecnologia da Informação e Comunicação

Marcio Dutra de Souza
Coordenador de Projetos de Engenharia e Arquitetura

Rejane da Silva Santos Santiago
Coordenadora de Desenvolvimento Institucional

A construção de uma parceria

UFRRJ e Duke University consolidam cooperação iniciada a partir do IM

João Henrique Oliveira

Março de 2017. Oito alunos, seis docentes e dois técnicos-administrativos do Instituto Multidisciplinar (IM/UFRRJ) participam de uma conferência na cidade de Durham, Carolina do Norte, Estados Unidos. Eles apresentam resultados de uma pesquisa que analisa a ampliação do acesso ao ensino superior na Baixada Fluminense, uma das regiões mais carentes do Brasil. O local da conferência é a Universidade de Duke, que tem um orçamento anual em torno de US\$ 5 bilhões – valor inimaginável para qualquer instituição do gênero em nosso país.

O evento foi mais um dos capítulos de uma história que tem suas raízes no final dos anos 90. Ela vai ganhar mais um episódio agora, em 19 de maio deste ano, quando o professor John French, representando a Duke, vai assinar um termo de cooperação com a Rural. O documento formaliza uma parceria que vem sendo construída há mais tempo, desde quando o professor Alexandre Fortes (UFRRJ) fez um doutorado-sanduíche na universidade estadunidense.

– Entre 1997 e 1998, ganhei uma bolsa da Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], que realizei na Duke University, orientado pelo professor John French. Desde então, nosso contato acadêmico vem produzindo frutos como coautorias de artigos, organização de eventos, traduções e outros projetos conjuntos – explicou Fortes, ex-diretor do IM e atual pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRRJ.

Depois de seu ingresso como professor do IM, em 2006, Alexandre Fortes foi transformando a cooperação entre dois docentes num projeto que passou a aproximar as duas universidades. A partir daí, o Brasil entrou no rol de interesses de Duke com a criação, em 2013, da *Duke Brazil Initiative* e, no ano seguinte, do *Global Brazil Lab*. Em 2016, este laboratório obteve financiamento do fundo Bass Connections para o projeto ‘The Cost of Opportunity: Higher Education in Baixada Fluminense’. Trata-se de um estudo sobre os impactos, nesta região fluminense, do processo

de expansão do ensino superior no Brasil, iniciado em 2007 com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Nesse processo, o Global Brazil Lab selecionou seis alunos de graduação e dois de pós-graduação da Duke, coordenados pelos docentes John French (História) e Katya Wesolowski (Antropologia Cultural). Eles passaram três semanas em Nova Iguaçu, realizando visitas, capacitação e atividades de pesquisa em conjunto com professores, discentes e técnicos do IM.

Próximos passos

A colaboração Rural-Duke também resultou na conferência realizada em março, na Carolina do Norte, quando a delegação do IM apresentou os resultados parciais da pesquisa e fez o lançamento do vídeo documentário ‘O custo da oportunidade’, filmado no câmpus Nova Iguaçu da UFRRJ. Além disso, foram feitos contatos para definir perspectivas e articular novos planos de cooperação.

Entre os desdobramentos do projeto, está prevista uma parceria entre o Centro de Inovação Tecnológica e Educação Inclusiva (Citei/IM/UFRRJ) e o professor Miguel Nicolelis, neurocientista brasileiro e professor emérito de Duke. Ele ganhou notoriedade ao realizar, na abertura da Copa de 2014, uma demonstração do exoesqueleto controlado pelo cérebro de um paciente paraplégico.

Programada para 19 de maio, a assinatura do termo de



Foto: Global Brazil Lab/Duke University

Rural nos EUA. Delegação do IM apresenta pesquisa sobre acesso ao ensino superior na Baixada

compromisso entre a Rural e a Duke vai ocorrer no câmpus Seropédica, numa articulação que envolve também a Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin). A expectativa é que a formalização da parceria expanda as possibilidades para os outros câmpus da UFRRJ.

– Essa experiência com Duke pode crescer agora. E o mais interessante é que vai sair do IM para os outros câmpus. Historicamente, o movimento costumava partir da sede, em Seropédica – observou o coordenador de Relações Internacionais e Interinstitucionais, José Luque Alejos.

Outro ponto destacado por Alejos é que o modelo de cooperação entre Rural e Duke atende

às diretrizes da nova política de internacionalização da Capes, mais focada no planejamento institucional.

– Há uma mudança de visão no projeto internacionalização das universidades públicas. Elas terão de ser mais ativas e elaborar proposta para avaliação da Capes. O caso de Duke é exemplar por diversos aspectos, pois essa colaboração envolveu os três segmentos – disse Luque.

Para Alexandre Fortes, a assinatura do termo vai marcar a consolidação de uma relação interinstitucional já construída.

– É muito comum a assinatura de convênios que não dão em nada. É preciso ter um trabalho lento, persistente, buscando integrar as pessoas. E temos isso com Duke – concluiu o pró-reitor. ■

Mais informações:

Duke Brazil Initiative – <https://latinamericancaribbean.duke.edu/duke-brazil-initiative>

Global Brazil Lab – <http://sites.fhi.duke.edu/globalbrazil/>

Vídeo-documentário ‘O custo da oportunidade’ –

www.youtube.com/watch?v=RhIA5jbNuNE

Duke University

Localização: Durham, Carolina do Norte, Estados Unidos.

Ranking: Entre as dez melhores universidades dos EUA e entre as 20 do mundo, de acordo com publicações como *U.S. News & World Report*, *Times Higher Education World University Rankings* e *Newsweek*.

Fundação: 1924

Número de estudantes: 14.832

Número de docentes: 3.522

Orçamento: 4,5 bilhões de dólares (2013)

Centro de Memória é reaberto após revitalização

O espaço de memórias da Universidade ficou fechado para que fossem feitas melhorias e restaurações das obras fixas da coleção. Desde o dia 20 de março a galeria estava fechada, e no dia 4 de abril foi reaberta. Com a chegada da restauradora Priscila Marcondes, as pinturas fixas foram restauradas, assim como o acervo.

A historiadora Cássia Viana, responsável pelo Centro, explicou que nas paredes periféricas do espaço estão as obras permanentes, e nas divisórias do meio vão ficar as exposições temporárias.

Alunos de Belas Artes e artistas da Rural que quiserem expor podem ir até a galeria, que ficará aberta para receber os trabalhos. Os primeiros expostos foram os da aluna Islanda Larissa, formanda de Belas Artes.

Por Thaís de Oliveira Chaves, estagiária de jornalismo da CCS/UFRRJ

Rural renova acordo com universidade peruana

João Henrique Oliveira (CCS/UFRRJ)



A UFRRJ renovou, em 30 de março, o termo de cooperação com a Universidad Nacional del Centro del Perú (UNCP). Na ocasião, estiveram presentes os professores da Facultad de Ciencias Forestales y del Ambiente da UNCP, Juana Maria Carrión (*à dir.*) e Juan Jose Rosas (*segundo a partir da esq.*). Representaram a UFRRJ os professores José Luque Alejos (*à esq.*), coordenador de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFRRJ, e João Vicente Latorraca, diretor do Instituto de Florestas (IF/UFRRJ).

Inscrições abertas para o mestrado profissional em Química em rede nacional

As inscrições para a seleção do mestrado profissional em Química em rede nacional estão abertas até 26 de maio de 2017. A UFRRJ é um dos polos regionais, e oferecerá 10 vagas nesta seleção. Para saber mais sobre o programa e ler o edital, acesse: <http://profqui.iq.ufrrj.br/>



Feira da Agricultura Familiar UFRRJ

UFRRJ recebe feira da agricultura familiar toda semana

Desde setembro de 2016, a UFRRJ abre espaço para a Feira da Agricultura Familiar. Organizado com apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ), o evento traz produtores e comerciantes de alimentos de Seropédica e região para dentro da Universidade, como forma de incentivo ao consumo de produtos saudáveis. A boa acolhida acabou influenciando também a periodicidade do encontro. Por conta de uma demanda tanto dos clientes quanto dos produtores, o projeto, que era quinzenal, tornou-se semanal. Agora, a feira é realizada todas as quartas-feiras, no jardim interno do Pavilhão Central (P1), das 8h às 13h.

Por Márcio da Silva, estagiário de jornalismo da CCS/UFRRJ

Gilberto Freyre é tema de debate no CPDA

O grupo de pesquisa Pensamento Social e Cultura Política/CNPQ e o Núcleo de Pesquisa em Ruralidades/CPDA realizaram, em 7 de abril, debate sobre as atividades parlamentares de Gilberto Freyre nos anos 1940 e 1950. O expositor foi o professor Ricardo José de Azevedo Marinho (Unigranrio). Os debatedores foram os professores Eli de Fátima Napoleão de Lima e Raimundo Santos, ambos do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ).

Nota de pesar

Os professores do curso de Ciências Econômicas lamentam profundamente o falecimento do aluno José Carlos Santana Peixoto. Alegre, humilde e muito querido, José Carlos deixará saudades e sua partida tão breve provoca nossa revolta e repúdio contra a violência desenfreada que assola o estado do Rio de Janeiro. Solidarizamo-nos com a dor da família e estamos a postos para prestar apoio a ela e aos alunos do Instituto Multidisciplinar (IM/UFRRJ). Professores e professoras do Departamento de Ciências Econômicas (IM/UFRRJ)

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Barbara | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupolillo | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Norma Sueli Martins | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL** | **Coordenadora de Comunicação Social:** Fernanda Barbosa | **Coordenadora substituta de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** João Henrique Oliveira e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, José Adriano Jr., Márcio da Silva, Rômulo Norback e Thaís de Oliveira Chaves | **Capa:** Patrícia Perez. | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre de Souza Souto e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freelmages || **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | **CEP:** 23897-000 | **Tel:** (21) 2682-2915 | **E-mail:** comunicacao@ufrrj.br | **Portal:** www.ufrrj.br | **Impressão:** Imprensa Universitária | **Tiragem desta edição:** 800 exemplares

